

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2236672542010>

Recebida em: 24/01/2020. Aprovado em: 06/03/2020.

RESENHA / REVIEW / COMPTE-RENDU / RESEÑA

“LUCHA, TRABAJO Y SACRIFICIO”: O TRABALHO DOMÉSTICO NO CONTEXTO EQUATORIANO.

“LUCHA, TRABAJO Y SACRIFICIO”: DOMESTIC EMPLOYMENT IN THE ECUADORIAN CONTEXT.

“LUCHA, TRABAJO Y SACRIFICIO”: LE TRAVAIL DOMESTIQUE DANS LE CONTEXTE ÉQUATORIEN.

“LUCHA, TRABAJO Y SACRIFICIO”: EL TRABAJO DOMÉSTICO EN EL CONTEXTO ECUATORIANO.

- Erynn Masi de Casanova. *Dust and Dignity: domestic employment in contemporary Ecuador*. New York: Cornell University Press: 2019. 192 páginas, ISBN: 9781501739477.

 *Thainá Saciloto Paulon**
<https://orcid.org/0000-0002-9392-897X>

Dedicado para todas as trabalhadoras informais, não vistas e não pagas, Erynn Casanova (2019) procura trazer luz aos estudos sobre trabalho doméstico, a partir de um panorama que abarque reprodução social, classe e informalidade. Em meio a uma forma particular e histórica de dominação, a realidade do trabalho doméstico (cuidado com a casa e crianças) “se torna invisível quando é feita fora dos livros, por mulheres pobres e atrás de portas fechadas nas casas privadas” (Casanova, 2019, p. 2).

Tomando como ponto de partida as discussões sobre reprodução social, Casanova (2019) utiliza a teoria sociológica clássica de Marx para compreender ao sistema de produção e reprodução, anali-

* Bacharel em Ciências Sociais; Mestranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil; e-mail: thainasaciloto@gmail.com

sando em qual esfera o trabalho doméstico se insere: somente o tipo de trabalho que ocupa espaço e prestígio na esfera pública é aquele que é classificado como produtivo. Os cuidados com a casa, por sua vez, ocupam a esfera privada, sendo julgado como secundário, improdutivo. E, quando invisíveis e fora do processo de produção, trabalhadoras desse nicho terão que lutar conjuntamente de maneira mais efetiva para ter os mesmos direitos.

Segundo Casanova (2019), o trabalho informal é pouco ou não-regulamentado pelo Estado. Nesse contexto, o trabalho doméstico ocupa um lugar menos autônomo, tanto quando comparado à trabalhos formais quanto das demais profissões informais, caracterizando-se pelo salário abaixo do mínimo, fora de registro e taxaço, distante de proteção social e representações, mas próximo de instabilidade e precariedade. A formalização, para a autora, é sobretudo a garantia de um “trabalho decente”; apesar do trabalho doméstico estar alicerçado por algumas leis trabalhistas, ele é feito por debaixo dos panos em grande parte dos países latino-americanos. O objetivo principal da obra, de maneira geral, é discutir o lugar único em que o trabalho doméstico permanece: de um lado fora do processo de produção capitalista, também diferindo-se de outras ocupações por estar sobre o domínio privado.

No primeiro capítulo, intitulado *Em busca da trabalhadora ideal*, Casanova (2019) se dedica a descrever como empregadores encontram trabalhadoras domésticas e define o que é desejado no Equador. Dentre as principais maneiras, estão o boca-a-boca, anúncios em agências, mídias impressas e digitais. De maneira geral, grande parte dos anúncios analisados pela autora enfatizam tratamento especial ao invés do cumprimento das leis de trabalho. Em muitos casos mencionados nos capítulos adiante, Casanova (2019) mostra como o “bom trato” é uma característica que permeia a relação que trabalhadoras domésticas mantêm com seus empregadores, e como este é contribuinte da informalidade: trabalhadoras domésticas não pressionam seus empregadores sobre suas obrigações legais, porque “pelo menos” são tratadas de maneira digna – “como se fossem da família”.

Engendrando os anúncios sobre trabalho doméstico com

o contexto histórico-político do Equador, a autora ilustra como os anúncios se tornaram mais sofisticados ao longo de 2010 a 2016. Em 2007, o país passou por uma guinada à esquerda com a eleição de Rafael Correa Delgado, presenciando o aumento de campanhas que envolviam a realidade de trabalhadoras domésticas, bem como a extensão de programas sociais. Porém, depois de sua reeleição e o final de seu mandato em 2016, a maioria dessas campanhas haviam desaparecido, assim como o número de trabalhadoras domésticas também vinha diminuindo e o número de trabalhadoras domésticas de meio-período, trabalhando em mais de uma casa por dia vinha aumentando.

Os anúncios equatorianos mais comumente procuravam uma “*empleada*”. A associação equatoriana *Asociación de Trabajadoras Remuneradas del Hogar* (com a qual Erynn Casanova realizou essa pesquisa) argumenta que tais mulheres não querem ser vistas como “domésticas”, como se pudessem ser domesticadas tal qual animais. Dessa forma, preferem que a ocupação profissional seja sobre “*remunerated household worker*”, que pode ser traduzido para o português como “trabalhadora/cuidadora remunerada da casa”. Ainda que os anúncios não se refiram a elas dessa maneira, houve uma mudança na linguagem nos anúncios equatorianos, a partir de 2010: ao invés de explicitamente procurarem serventes, os anúncios ganharam um tom profissionalizante ao denominarem a procura por “assistentes domésticas”.

No que tange salários e benefícios, os anúncios raramente mencionavam o valor pago, mas o classificavam como “excelente” e “o melhor do mercado” (2019, p. 31). Porém, em entrevistas, Casanova (2019) ouviu um outro tipo de experiência: muitas trabalhadoras recebiam menos que o salário mínimo estipulado e, quando os empregadores descobriam sobre suas obrigações legais, preferiam demiti-las. Ainda que Casanova (2019) demonstre uma mudança na maneira como os anúncios são escritos, agora dotados de uma formalidade, fica evidente que o ideal de uma trabalhadora doméstica jovem, dócil e com *buena apariencia*, e com níveis educacionais inferiores, continuam permeando as escolhas dos empregadores. Assim,

o perfil procurado são mulheres, jovens e de preferência das áreas rurais do país, por serem consideradas fortes.

No segundo capítulo, *Desigualdade Corporificada*, Casanova (2019) discorre sobre como o corpo importa na experiência de trabalhadoras domésticas acerca de sua atuação e trabalho – para além das discussões sobre abuso e sexualização -, abrangendo suas preocupações sobre saúde, qualidade de vida e aparência. A autora traz duas perspectivas teóricas sobre corpos: a teoria marxiana que compreende o corpo como um recurso (ainda que limitado, no processo de produção e exploração) e a teoria bourdieusiana sobre corpo como um elemento simbólico e comunicativo – roupa e aparência como signos que denotam classe, raça, gênero e ocupação. Casanova (2019) pretende intercalar ambas perspectivas, já que “corpos de trabalhadoras domésticas são usados como ferramentas, e sofrem as consequências físicas; ainda, eles precisam ter uma aparência aceitável para seus empregadores e indicativo de sua posição socioeconômica” (Casanova, 2019, p. 38).

No capítulo *Informadas mas inseguras*, Erynn Casanova (2019) descreve a atuação e sua participação na ATRH, realizando um *survey* em Guayaquil. A pesquisa objetivava encontrar soluções sistemáticas para as condições de trabalho precárias e, para além disso, procurava compreender quais direitos legais trabalhadoras domésticas equatorianas estavam tendo acesso e porque ainda continuavam na informalidade. Como resultados, a maioria das mulheres trabalhadoras sabiam de seus direitos legais, mas não haviam conversado com seus empregadores sobre isso; evidenciando assim, uma ruptura na segurança social e pouco envolvimento de empregadores com suas obrigações.

Posteriormente, Casanova (2019) apresenta alguns dados obtidos através do *survey*: as idades estão entre dezesseis e noventa e três – contando com uma média de quarenta e três anos; 94% são mães e 55% completaram apenas a escola primária (a pesquisa mostrou também que mulheres com formação no segundo grau eram cinco vezes mais procuradas e apenas duas entrevistadas possuíam graduação), tendo nascido majoritariamente no Equador (somente uma entrevistada é imigrante, vinda da Colômbia). No que tange as

condições de trabalho, realizando múltiplas tarefas, 91% das mulheres vivem fora da casa em que trabalham, e 59% trabalham em tempo integral – porém, como argumenta no livro, o trabalho por meio período vem crescendo em países da América Latina. Apenas 28% recebem férias, e 29% recebem bônus anuais; ainda, 62% afirmaram não receber nenhum dos benefícios. Das trabalhadoras desempregadas, apenas 7% afirmaram receber benefícios enquanto trabalhavam. Até mesmo as trabalhadoras domésticas que possuíam todos esses benefícios de segurança social afirmaram que não os usavam por falta de tempo, não tendo espaço para cuidar de si mesmas. Trazendo dados quantitativos importantes sobre o trabalho doméstico em Guayaquil, a pesquisa iluminou pontos importantes para que tanto as organizações, quanto advogados, atuem de maneira mais pontual sobre as demandas e garantias de segurança social, entendendo quais são as insuficiências e limitações.

Ao passo que o capítulo anterior trouxe estatísticas, o capítulo 4, denominado *Caminhos através da pobreza* se detém em escutar e analisar trajetórias. Observando os percursos individuais e entendendo a realidade instável do trabalho doméstico, a autora afirma que não está claro porque mulheres entram e saem da rotina de trabalhadoras domésticas, mas afirma que muitas são mães solo e precisam trabalhar. Especialmente para mulheres mais velhas e com nível educacional menos elevado, a possibilidade de conseguir outros trabalhos é escassa. Uma vez que a informalidade permeia a realidade de trabalhadoras domésticas, nesse capítulo, Casanova (2019) fala sobre a instabilidade: salários sendo cortados, pagamentos não sendo feitos, problemas de saúde sendo negligenciados por falta de tempo. A ideia de um tratamento adequado maquia os maiores problemas, fazendo com que trabalhadoras domésticas se sintam constrangidas por exigir seus direitos legais.

Ainda que muitas mulheres peçam demissão para tirarem férias ou quando sentem sua dignidade sendo desrespeitada, a razão mais comum pela qual mulheres ficam sem emprego se dá por força familiar – filhos precisando de cuidados. Quando questionadas sobre suas aspirações para o futuro, grande parte afirma que gostaria de iniciar um negócio próprio para alcançar independência, procu-

rando ser “alguém na vida” – uma vez que “dominação pessoal, nascimento em classes com poder inferior fazem do trabalho doméstico um trabalho ruim” (2019, p. 99). Mas, muitas entrevistadas pareceram pessimistas, como se o que restasse para elas, em vida, seria “*trabajo, trabajo, trabajo, luchar y ahorrar*” (2019, p. 103).

As experiências de mulheres dentro e fora do trabalho doméstico, e suas opiniões sobre essas experiências, devem ser essenciais para nosso pensamento sobre formas de tornar as condições de trabalho e organização do trabalho doméstico e outro trabalho de salários baixos. A luta pode ser individual ou local, mas devem ter meios para conectar esses pequenos sacrifícios com sacrifícios maiores e mais pessoas oprimidas e trabalhadoras exploradas. (Casanova, 2019, p. 103).

De acordo com Casanova (2019), a reprodução social torna o trabalho doméstico uma profissão ainda mais cansativa: mulheres trabalham fora de casa e dentro de casa.

No último capítulo, *Como qualquer outro trabalho?*, Casanova (2019) argumenta como o trabalho doméstico não é um trabalho como os demais e, portanto, as estratégias de torna-lo regulamentado devem ser diferenciadas, visto que as demandas são diferenciadas. Utilizando majoritariamente autores latino-americanos e decoloniais, a autora utiliza Anibal Quijano para explicar que, quando se trata da realidade do trabalho doméstico, a exploração constrói uma relação de dominação pré-existente (2019, p. 107) e a naturalização desses processos é produto histórico-social, fazendo com que a rotina de trabalho pesada dificulte a organização coletiva para ações políticas.

Ao compreendermos o trabalho doméstico como qualquer outro trabalho, sem nos esforçarmos para entender seus pormenores, estamos perpetuando as estruturas de dominação e invisibilidade, primeiramente porque as questões nas quais o trabalho doméstico está alicerçado (reprodução social, classe e informalidade) são diferentes, uma vez que trabalhadoras domésticas não estão plenamente inseridas na lógica de produção capitalista. Assim, minimizamos as experiências e o sistema de opressão único que tais mulheres estão inseridas.

Dust and Dignity traz uma realidade do trabalho doméstico já conhecida por países latino-americanos e, em especial, na abrangente literatura sobre o tema no Brasil – como apresenta Brites (2013). Já na introdução, Erynn Casanova (2019) deixa clara a potência de seu livro: não-coincidentemente publicado em inglês, a obra se distancia da maior parte das publicações do Norte Global – compreendidos através do eixo temático dos estudos imigratórios.

A autora menciona, no primeiro capítulo, que o ideal de boa aparência requerido por empregadores excluía corpos negros e indígenas, bem como o corpo que denotaria pobreza (2019, p. 32). Ainda que Casanova (2019) argumente, na Introdução, que o trabalho doméstico no Equador não é uma profissão tão racializada, como no contexto brasileiro, onde “o trabalho doméstico persiste como um espaço de desigualdade de gênero, classe e raça” (Brites, 2013, p. 428), tais elementos denotam que o padrão de procura carrega concepções bem delineada.

Erynn Casanova (2019) também afirma que, apesar de trabalhadoras domésticas saberem seus direitos, poucas delas tocaram nesse assunto com seus empregadores. Para a autora, esse fato se deve ao medo da demissão e de outras humilhações. Porém, assim como os aspectos que envolvem etnia, acredito que a visão das trabalhadoras domésticas sobre seus direitos legais poderia ter ficado mais claras na narrativa (uma vez que, mesmo o tendo, tais profissionais não conseguiam usufruir pela rotina pesada de trabalho). Entendendo que a formalização é um aspecto importante para a realidade de trabalhadoras informais, sobretudo compreendendo que ainda é um fator muito distante de várias delas, no que tange trabalhadoras formais: de que maneira trabalhadoras domésticas equatorianas descreviam sua realidade antes e depois da formalização?

Erynn Casanova (2019), combinando metodologias qualitativas e quantitativas, constrói seu corpus analítico extenso, de maneira muito diversificada. Procurando compreender o trabalho doméstico através de três eixos principais (reprodução social, informalidade e classe) que compreendem questões sobre contratação, o perfil de trabalhadoras domésticas equatorianas e a garantia de direitos, Erynn Casanova (2019) articula de maneira refinada tais ele-

mentos com o contexto histórico-político do Equador, priorizando as narrativas das trabalhadoras. Ainda, o livro merece reconhecimento não só por se tratar de uma pesquisa com larga escala temporal, mas pela multiplicidade de técnicas presentes, descritas minuciosamente em um capítulo específico ao final do livro.

REFERÊNCIAS

Brites, J. G. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de Pesquisa*, Vol. 43, nº. 149, pp.422-451, 2013.